

O nascimento do conflito: sobre a criação da Pólemos¹

Definir o momento preciso no qual uma ideia se torna algo concreto é uma tarefa difícil e com a Pólemos não é diferente. Pode-se dizer, nesse caso, que a ideia surgiu de insatisfações. Um pequeno grupo de estudantes percebeu que o curso de Filosofia estava imerso em uma situação peculiar: representava um ambiente rico de produção e discussão que, contudo, não dispunha de meio para publicar esse conteúdo. Nasce a ideia: uma revista de Filosofia da Universidade de Brasília, concebida de alunos para alunos.

Então, Gilmar Jorge, à época graduando, transformou o pensamento em discurso, ao conversar com sua orientadora de ProIC, Priscila Rufinoni, sobre a possibilidade de criar uma revista. A resposta continha um misto de vontade e descrença, mas a mensagem era de incentivo. Junto à confirmação da professora, restava montar uma equipe para consolidar o discurso em matéria.

O primeiro indício da materialidade desta proposta aconteceu em agosto de 2011, no mezanino do Instituto Central de Ciências (ICC), em frente aos banheiros, com o encontro dos graduandos Gilmar Jorge, Gabriela Tavares e Raphael Lapa. As preocupações eram muitas, desde histórias apavorantes sobre outras iniciativas similares, até o receio de que ninguém se interessasse em publicar. Pragmáticos, decidiram tentar. Mesmo que a tentativa levasse à completa frustração, ainda haveria, ao menos, a tentativa. O ponto era simples: discussões que pudessem gerar conflitos seriam evitadas ao máximo, mantendo o foco no lado prático e operacional, pelo menos até que a revista deixasse de ser mera ideia.

Dividiram, então, os trabalhos: Priscila intermediaria o contato com professores, pareceristas e o departamento; Raphael cuidaria da diagramação e questões relacionadas à tecnologia; Gabriela seria responsável pelos cartazes, panfletos e toda a parte gráfica; enquanto Gilmar coordenaria e não deixaria o ânimo sumir.

Estes três alunos cheios de medo reuniram coragem para convocar a primeira chamada pública da "até-então-sem-nome" Revista dos Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília. O primeiro encontro cobriu a sala de reuniões do departamento com alunos curiosos e, ainda, com diversas promessas daqueles que não puderam atender ao chamado.

Entretanto, apenas no dia 16 de setembro de 2011, ao final da quinta reunião, estava formado verdadeiramente aquilo que viria a ser o corpo editorial da Pólemos. Por coincidência – ou não – este também era o dia em que aquela singela materialidade seria

¹ Gabriela Tavares Borges, bacharel em Direito pela Universidade de Brasília.

nomeada. Hoje pode parecer trivial, mas a escolha do nome era o ato que definiria a existência da revista – ou seu fim prematuro. Não se sabia se nesta reunião haveria debates acalorados ou compreensão e criatividade, portanto foram preparados para tudo.

Com os escudos em punho, lembrando o lema principal, concordaram os membros que uma votação por maioria simples seria o modo mais efetivo – essa foi a primeira surpresa; e, caso tudo desse errado, o nome seria Revista dos Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília (REFil-UnB) e ponto final – a segunda surpresa. Surpresas porque não se estava diante de uma mesa fraca, com pessoas apáticas, porém o exato oposto. Aquela mesa ocupava-se de pessoas fortes, de opiniões radicalmente diversas e muito bem fundamentadas. Esperava-se, dito sem pudores, discussões nada filosóficas de apropriação ou manobra da iniciativa, contudo a realidade foi teimosa e reservou essas grandes surpresas àqueles estudantes.

Não houve censura, a palavra foi amplamente utilizada. As manifestações divergiam; não se opunham, todavia, em momento algum, pelo menos não no sentido comum de uma oposição intolerante ou excludente. Percebia-se no ar um clima de conflito controlado cujos objetivos coincidiam, as opiniões diziam respeito apenas aos caminhos para alcançar um mesmo lugar: o melhor para a revista; e então discordâncias se converteram em meios termos – e até mesmo concordâncias. Restou provado naquele dia que mesmo os tons mais discrepantes podem formar uma melodia harmônica e bela, desde que respeitem o compasso uns dos outros e, ainda, que individualmente sejam magníficos em suas diferenças.

Retomando o caso paradigmático do nome, ainda um pouco descrentes, os membros realizaram a votação. As sugestões foram colocadas para debate e, em verdade, valem a pena ser citadas, por serem de extrema criatividade e significarem universos paralelos possíveis desta revista. Eram: *Diálogos & Emancipação: perspectivas filosóficas e transdisciplinares*; *Interartes*; *Juízos*; *ReFIL*; *Filo-poético-sóficas*; e *Pólemos*, a vencedora com oito votos.

A partir deste ponto o medo foi se transformando em esperança, tudo era muito real, muito tangível. As reuniões, os e-mails e as mensagens que aconteceram desde a nomeação não consideravam mais a ideia, apenas o fato: a *Pólemos* existia. Alexandre Cherulli Marçal, Antonio Ferreira Marques Neto, Elzahra M. R. O. Osman, Gabriela Tavares Borges, Gilmar Jorge Mendes Junior, Mathias Alberto Möller, Priscila Rossinetti Rufinoni, Raphael Santos Lapa e Ruth de Paula Martins Mendes são os nomes daqueles que perduraram entre tantos dissidentes naquela primeira reunião e chegaram à publicação da primeira edição – mas isto antecipa apenas o fim da história, que ainda era um horizonte muito distante.

Uma das polêmicas que surgiram entre a nomeação e a publicação dizia respeito ao

nome: Revista dos Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília, algo que algumas pessoas certamente afirmariam ser banal. "Os" era o grande problema. E então, aquele grupo diverso pautou a linguagem inclusiva. A familiaridade com o tema variava desde feministas de longa data a pessoas completamente alheias e, novamente, esperou-se um impasse intransponível no qual nenhum dos lados cederia. Não ocorreu assim, todos ouviram as preocupações uns dos outros e valorizaram seus argumentos, encontrando uma média. Em face ao receio do descrédito por parte da comunidade acadêmica, as alternativas usuais ("d@s", "dxs" ou "dos/das") foram descartadas e, por acreditarem ser uma causa válida, retirou-se o artigo do nome e, com ele, o gênero. Transformada, a Pólemos passaria a ser a Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília dali em diante.

Outro adendo digno de nota foi o suporte institucional recebido pela revista, até mesmo com a finalidade de divulgar os instrumentos oferecidos pela própria Universidade. À época, a equipe apenas havia ouvido falar sobre um sistema da Biblioteca que reunia periódicos acadêmicos. Contudo, descobriram no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), utilizado pelo Portal de Periódicos Acadêmicos da Universidade de Brasília, uma ferramenta essencial para o funcionamento da Pólemos. Surpreenderam-se com o acesso nada burocrático do instrumento que, sem dúvida, contribuiu significativamente para a organização das submissões, inclusão de pareceres e transparência do processo de publicação. Em apenas uma visita à Biblioteca Central dos Estudantes, a Pólemos adquiriu seu sítio.

Por óbvio, nem tudo foi tão simples. Por trás dos periódicos acadêmicos existem várias complicações que não se expressam no ato da publicação. Pareceristas são pessoas cuja vida atarefada, por vezes, os impede de cumprir os prazos. Isso quando há pareceristas, diga-se de passagem, pois a Pólemos recebe submissões de áreas tão distantes que, por vezes, não se conhece uma única pessoa com a especialidade adequada para elaborar um parecer – muito menos duas pessoas.

Além disso, coordenar um trabalho com estudantes ainda é desafiador, mesmo que se tenha a mesma sorte que a da revista de reunir incríveis estudantes. Aulas, trabalho, provas, pesquisas, monografias; tudo parece convergir para atrasar o cronograma ou, em último caso, para desistir.

Porém, desde o princípio, todos estavam cientes de que apareceriam empecilhos e que seria necessário encontrar um ritmo adequado com o qual fosse possível desenvolver as atividades necessárias à publicação. Ademais, a proposta inicial era exatamente compreender os processos internos dos periódicos acadêmicos, suas vantagens e seus problemas, inserindo os estudantes dentro do contexto brasileiro de pesquisa filosófica.

Destarte, se a história revelou um grupo harmônico, resta esclarecer o porquê do nascimento do conflito. A palavra *pólemos* remete à guerra, à polêmica e um dos objetivos da revista é, precisamente, fomentar a discórdia. Entretanto, dessa afastou-se a guerra armada, a luta mesquinha, a competição dominadora; preza-se, em contrário, pela contestação fundamentada, o desacordo cordial, o debate de ideias – um conflito restrito ao nível intelectual, ao filosófico. Portanto, a revista assemelha-se a uma arena na qual o embate é valorizado, porém na qual não se determinam ao certo um vencedor e um perdedor, apenas aponta-se a ocorrência de um debate produtivo.

De fato, para além de um emaranhado de artigos ou um conjunto de nomes, a *Pólemos* constitui um grupo de amigos, pessoas compromissadas que poderiam, e ainda podem, alcançar qualquer meta, uma vez atestada sua capacidade de criar algo tão belo a partir daqueles pequenos fragmentos de ideias, quase imperceptíveis. Sorte ou destino, ao longo desses anos de vida, percebe-se que o nível dos membros mantém-se o mesmo ou eleva-se. A *Pólemos* sempre foi uma revista aberta à participação de qualquer estudante, independente de curso, e, ainda assim, cada um que compôs o grupo conservou o compromisso, a tolerância e a criatividade.

Sete meses após a reunião em frente ao banheiro, no dia 29 de maio de 2012, publicou-se a primeira edição da *Pólemos – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*. Em seguida, a equipe recebeu várias mensagens de congratulações tanto de professores quanto de estudantes, reconhecimento que provocou um contentamento impossível de ser traduzido em palavras – uma sensação de, efetivamente, contribuir para o Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Curiosamente, na ocasião, o sítio saiu do ar, fato pouco lembrado por ser um mero detalhe frente a satisfação do significado do dia. Aquele pequeno conflito – ideia tímida, discurso inseguro, matéria amorfa – que inspirou tanta descrença, lapidado em conjunto por mãos tão variadas, enfim tornou-se um verdadeiro motivo orgulho: uma revista acadêmica de filosofia de estudantes e para estudantes.